"Sol Nascente"

A partir do próximo número «Sol Nascente» vai aparecer aos seus leitores com aspecto novo. Finda ali a sua primeira caminhada, que foi de adaptação e ensaio, digamos. Entretanto caminhada segura já. Cada passo em frente, certo, representa o melhor de mil esforços tenazes. Que importa porém isso, se o passo se deu e não caímos vencidos? Amamos a luta—e só no que se consegue à custa de labor sereno e persistência reflectida, descortinamos méritos. Não mal-dizemos portanto as energias gastas; tão pouco vamos quedar, enlevados e admirativos, olhos postos no caminho andado. Arrenegamos dos que, não sentindo a ânsia da perfeição, se ficam em êxtase de narcisos velhos frente às suas obras, mediocres ou boas, simplesmente péssimas ou excelentes, não importa. E porque essa ânsia de fazer melhor, sempre melhor, vive conosco, e por que bem sentimos que a Vida é um combate sempre renovado, introduzimos modificações em «Sol Nascente». Grandes, pequenas? Dentro das nossas forças as possíveis. Porém, como não conhecemos desânimos, outras amanhã se seguirão a esta. O alvo que nos propuzemos atingir está longe ainda—muito longe. Sabemos mesmo que à medida que nós andamos êle anda. Deixá-lo! Ire-mos pôs êle continuamente, persistentemente...

A MORALA E O LIVRO

de LUÍS LARANJEIRA

OS editores portuenses, remordidos por essa inexorável instância censora a que os psicanalistas chamam Super-Ego, quiseram penitenciar-se, publicamente, dos seus êrros, da sua falta de hombridade para enfrentar com heroísmo o grave momento que passa, brindando-nos uma conferência sobre o livro e as suas pessimas relações com a moral. Essa conferência que, valha a verdade, só pecou por ser trabalho de encomenda, testimado a valorizar essa pífia demonstração da actividade livreira do país a que chamam «Feira do Livro», realizou-a Alice Ogando, nome que dispensa de repetir aqui os encómios que os plumitivos dos diários teceram, unânimemente, por dever de ofício.

Trabalho verdadeiramente notável, pelo desassombro, a conferência de Alice Ogando bem merecia que o público do Porto lhe dispensasse o seu carinhoso entendimento. Contudo, um público que está bem certo do desinteresse que os livreiros nutrem por êle; um público que sabe, perfeitamente, que as feiras de livros são menas demonstrações anuais de um fementido interesse pela cultura, que mascaram os propósitos mercantilistas dos seus promotores, pode, com razão, sentir-se indultado do seu crime de desinteresse por uma conferência que trazia um selo de péssima garantia...

Fala-se muito na crise do livro e atenta-se pouco na qualidade e no valor do que se edita. Crêmos que não há propriamente, nem uma crise do livro, nem uma crise de mentalidade; há, apenas, uma crise de compreensão que permita êsse livre trânsito de todas as manifestações de beleza que Alice Ogando advogou, corajosamente, no seu trabalho, agravada por uma tremenda falta de poder de compra, que faz com que muitas pessoas se espequem, de olhos esbugalhados, diante das montras dos livreiros, sofrendo a angústia intraduzível de não possuírem os escudidos indispensáveis à aquisição de um volume.

Se um dia os editores dêste país mentalmente pobre, responderem com sinceridade à pergunta que se lhe formule, sobre se depois que se efectuam feiras o livro tem maior expansão durante o ano—será fácil verificar que não! E não, porque exceptuando meia dúzia de felizes que podem comprar livros, a torto e a direito, a grande legião dos que se desesperam com a mingua de conhecimentos, não têm com que mandar cantar um cego... ainda que êle seja um livreiro. Concordêmos em que a feira foi um pretexto para Alice Ogando vir transmitir-nos os seus elevados conceitos de beleza e felicitemo-nos por isso, especialmente aquela reduzidíssima meia dúzia de pessoas que tiveram o gratíssimo prazer de a ouvir.

Falando-nos da *Moral e do Livro*, Alice Ogando foi, sobretudo, poetisa. Ela exalçou, com o ardôr da sua voz, a moral do belo e ensinou-nos que o belo pode construir-se com os mais humildes e mesmo com os mais feios materiais. Que a beleza não reside, propriamente, na natureza desses materiais, mas na obra de conjunto que conseguimos edificar! Porventura deixa de ser bela a débil planta fímícola só porque se nutre do estérco? Acaso o diamante perdido no monturo, deixa de refulgir com a mesma intensidade com que refulge na mão esguila e terma de Madame X...? E êsse mesmo diamante, o que é êle, senão a humilde cristalização de milhares de enxurradas, de milhares de nateiros acumulados, pelos séculos fora, no seio da Terra? Quem ousará negar beleza ao esforço heróico dos mineiros, que desventram a terra, para lhe arrancar essas preciosidades e que sob a severa vigilância de diligentes cerebros das emprezas, sentem a tentação diabólica de se apossar dum desses minúsculos carvões capazes de fazer a sua redenção económica?

Ninguém, por certo. A moral, preocupa-se, especialmente, com o aspecto fisiológico do amor, ao que parece... e, livro que trate o assunto, fóra das normas clássicas da consabida banalidade amorada, seja embora uma autêntica obra prima, encerre embora altíssimos conceitos de beleza, elevados anseios de harmonia, ela o olha desconfiada e zelosa. Contra êste princípio de moral convencional, se insurge Alice Ogando quando diz: «Livros imorais—e êsses devem merecer a repulsa de todos os que têm por missão educar—são os que se escrevem com o fim de entreter, lançando nas almas juvenis um turbilhão de idéias falsas, fazendo sonhar a rapariga de hoje—as mulheres e as mãis de

(Continúa na página 14)